

O ANTIGO TESTAMENTO

Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele

Coleção ACADEMIA BÍBLICA

Coordenação editorial: **Prof. Dr. Paulo Nogueira**

- *O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo: Um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa*, Jonas Machado
- *Paulo, o convertido: Apostolado e Apostasia de Saulo fariseu*, Alan F. Segal
- *Além da hipótese essênica: A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico*, Gabriele Boccaccini
- *A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*, John J. Collins
- *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná: Uma introdução histórica e literária*, George W. E. Nickelsburg
- *Psicologia histórica do Novo Testamento*, Klaus Berger
- *Revisão legal e renovação religiosa no Antigo Israel*, Bernard M. Levinson
- *O Antigo Testamento: Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele*, Jean-Louis Ska

O ANTIGO TESTAMENTO

Explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele

Jean-Louis Ska



Título original: *L'Antico Testamento: spiegato a chi ne sa poco o niente*
© EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l. – Cinisello Balsamo (MI), 2011
ISBN 978-88-215-7091-9

Tradução: *Leonardo Agostini Fernandes*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assessoria/área bíblica: *Paulo Bazaglia*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tarsila Doná*

Manoel Gomes da Silva Filho

Caio Pereira

Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ska, Jean-Louis

O Antigo Testamento : explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele / Jean-Louis Ska; [tradução Leonardo Agostini Fernandes]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Academia bíblica)

Título original: *L'Antico Testamento: spiegato a chi ne sa poco o niente.*

Bibliografia.

ISBN 978-85-349-4182-2

1. Bíblia. A.T. - Estudo e ensino 2. Bíblia. A.T. - Livros-texto 3. Teologia - Estudo e ensino
I. Título.

15-05172

CDD-221.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento : Bíblia : Teologia 221.6

1ª edição, 2015

PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

Fax: (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4182-2

Sumário

Abreviaturas	9
I. POR QUE NÃO SE LÊ A BÍBLIA?.....	13
II. O QUE É O ANTIGO TESTAMENTO?	21
1. A “biblioteca nacional” de Israel	21
2. A origem da biblioteca nacional de Israel.....	22
3. O livro da lei de Moisés, base da identidade de Israel.....	24
4. As grandes estantes da biblioteca nacional de Israel.....	27
III. O PENTATEUCO: A CONSTITUIÇÃO DE ISRAEL	31
1. Introdução	31
a. Como Israel se constituiu	32
b. Constituição e documentação.....	33
c. O anonimato dos autores do Pentateuco.....	34
2. Relatar para unir.....	35
a. Por que Abraão é o antepassado de Israel?	36
b. Abraão, fundamento da fé de Israel.....	38
c. Abraão, paradigma da existência de Israel.....	38
d. Isaac e o direito à terra	41
e. Jacó e a promessa do retorno.....	42
f. José, “o americano” do Gênesis	43
3. O êxodo e a “Declaração de independência” de Israel.....	45
a. A experiência fundadora de Israel.....	45
b. A permanência no deserto ou as provas de uma longa espera.....	48
c. Temos as “nossas” leis!.....	51

d. Direito civil ou direito sagrado?	52
e. Por que uma lei proclamada no deserto?	53
4. Moisés, o profeta	55
5. A história das origens:	
o “nosso” Deus é o criador do universo (Gn 1-11)	57
6. Como explicar a divisão em cinco livros?	62
7. As fontes do Pentateuco.....	65
IV. OS LIVROS HISTÓRICOS	
(OS “PROFETAS ANTERIORES”)	
E A VOZ DA OPOSIÇÃO	67
1. Os livros históricos (Js, Jz, 1-2Sm, 1-2Rs):	
uma história “em teses”	67
2. Josué: rabino ou conquistador	70
3. O livro dos Juízes: religião ou política errada?	73
4. Os livros de Samuel: monarquia ou profetismo?	75
5. Os livros dos Reis: crônica de uma catástrofe anunciada	80
6. Os “profetas anteriores” na biblioteca nacional de Israel.....	87
V. OS PROFETAS ESCRITORES, JORNALISTAS,	
EDITORIALISTAS E OPINADORES DA ÉPOCA	89
1. Os profetas “escritores”, atores na vida pública do seu tempo.....	89
2. Os profetas “escritores”	
e as invasões neoassírias e neobabilônicas	93
3. Os profetas e a defesa da solidariedade nacional.....	100
4. A formação da seção profética na biblioteca nacional de Israel	107
VI. OS LIVROS SAPIENCIAIS E OS “GURUS” DE ISRAEL	113
1. O livro dos Provérbios: os “petiscos” sapienciais.....	114
2. Jó: modelo de paciência ou Prometeu?.....	115
3. Coélet, o Diógenes bíblico.....	118
4. A filosofia bem pensada do Sirácida	120
5. O livro da Sabedoria: a mensagem bíblica pregada	
por um reitor alexandrino	122
VII. AS ÚLTIMAS ESTANTES	
DA BIBLIOTECA NACIONAL DE ISRAEL.....	127
1. Os Salmos, o livro dos cantos de Israel.....	127
a. Os Salmos, expressão dos sentimentos	
e dos momentos da vida do fiel.....	128

b. O Salmo 1: o prefácio do Saltério	131
c. Os Salmos e as diversas formas da religião de Israel.....	132
2. O livro das Lamentações.....	134
3. O livro de Baruc e a carta de Jeremias.....	138
4. Alguns suplementos à história de Israel.....	139
a. O livro das Crônicas e a comunidade litúrgica de Jerusalém	139
b. Os livros de Esdras e de Neemias, o templo e a sinagoga.....	143
• Os livros de Esdras e de Neemias e o livro de Crônicas.....	143
• Esdras-Neemias e o livro de torá (lei e instrução).....	145
• Esdras-Neemias e a história	146
c. Os livros dos Macabeus e os heróis da “resistência” em Israel.....	148
• O mundo hebraico diante do mundo helênico.....	148
• Problemas históricos e literários.....	151
• A teologia de 2 Macabeus.....	153
5. As novelas da Biblioteca de Israel	154
6. O livro de Daniel, o livro surrealista.	158
7. O Cântico dos cânticos e a poesia amorosa de Israel	160
 CONCLUSÃO	 163

Abreviaturas

Os títulos dos livros bíblicos são abreviados da seguinte maneira:

Gênesis.....	Gn	Isaías	Is
Êxodo.....	Ex	Jeremias.....	Jr
Levítico	Lv	Lamentações.....	Lm
Números	Nm	Baruc.....	Br
Deuteronômio.....	Dt	Ezequiel.....	Ez
Josué	Js	Daniel	Dn
Juízes.....	Jz	Oseias.....	Os
Rute	Rt	Joel.....	Jl
Samuel	1Sm, 2Sm	Amós.....	Am
Reis	1Rs, 2Rs	Abdias	Ab
Crônicas.....	1Cr, 2Cr	Jonas	Jn
Esdras.....	Esd	Miqueias	Mq
Neemias	Ne	Naum.....	Na
Tobias.....	Tb	Habacuc.....	Hab
Judite	Jt	Sofonias.....	Sf
Ester.....	Est	Ageu.....	Ag
Macabeus	1Mc, 2Mc	Zacarias	Zc
Jó	Jó	Malaquias.....	Ml
Salmos.....	Sl	Mateus	Mt
Provérbios	Pr	Marcos	Mc
Eclesiastes (Coélet)	Ecl	Lucas.....	Lc
Cântico dos Cânticos	Ct	João.....	Jo
Sabedoria	Sb	Atos dos Apóstolos	At
Eclesiástico (Sirácida)	Eclo	Romanos	Rm

Coríntios.....	1Cor, 2Cor	Filémon.....	Fm
Gálatas	Gl	Hebreus.....	Hb
Efésios	Ef	Tiago.....	Tg
Filipenses.....	Fl	Pedro.....	1Pd, 2Pd
Colossenses	Cl	João.....	1Jo, 2Jo, 3Jo
Tessalonicenses	1Ts, 2Ts	Judas	Jd
Timóteo	1Tm, 2Tm	Apocalipse	Ap
Tito.....	Tt		

Em ordem alfabética

Ab	Abdias	Jn	Jonas
Ag	Ageu	Jó	Jó
Am.....	Amós	Jo	Evangelho segundo João
Ap.....	Apocalipse	1Jo	1ª João
At.....	Atos	2Jo	2ª João
Br.....	Baruc	3Jo	3ª João
Cl.....	Colossenses	Jr.....	Jeremias
1Cor	1ª Coríntios	Js.....	Josué
2Cor	2ª Coríntios	Jt.....	Judite
1Cr	1º Crônicas	Jz.....	Juízes
2Cr	2º Crônicas	Lc.....	Evangelho segundo Lucas
Ct.....	Cântico dos Cânticos	Lm	Lamentações
Dn	Daniel	Lv.....	Levítico
Dt	Deuteronômio	Mc	Evangelho segundo Marcos
Ecl.....	Eclesiastes	1Mc	1º Macabeus
Eclo.....	Eclesiástico	2Mc	2º Macabeus
Ef.....	Efésios	Ml.....	Malaquias
Esd.....	Esdras	Mq.....	Miqueias
Est.....	Ester	Mt.....	Evangelho segundo Mateus
Ex.....	Êxodo	Na	Naum
Ez.....	Ezequiel	Ne	Neemias
Fl	Filipenses	Nm	Números
Fm	Filémon	Os	Oseias
Gl.....	Gálatas	1Pd	1ª Pedro
Gn.....	Gênesis	2Pd	2ª Pedro
Hab.....	Habacuc	Pr	Provérbios
Hb	Hebreus	Rm.....	Romanos
Is	Isaías	1Rs.....	1º Reis
Jd	Judas	2Rs.....	2º Reis
Jl	Joel	Rt.....	Rute

Sb.....	Sabedoria	1Tm	1ª Timóteo
Sf	Sofonias	2Tm	2ª Timóteo
Sl.....	Salmos	1Ts	1ª Tessalonicenses
1Sm.....	1º Samuel	2Ts	2ª Tessalonicenses
2Sm.....	2º Samuel	Tt.....	Tito
Tb.....	Tobias	Zc	Zacarias
Tg.....	Tiago		

As citações foram feitas do seguinte modo:

- a *vírgula* separa capítulo de versículo. Ex.: Gn 3,1 (livro do Gênesis, cap. 3, v. 1);
- o *ponto e vírgula* separa capítulos e livros. Ex.: Gn 5,1-7; 6,8; Ex 2,3 (livro do Gênesis, cap. 5, vv. de 1 a 7; cap. 6, v. 8; livro do Êxodo, cap. 2, v. 3);
- o *ponto* separa versículo de versículo, quando não seguidos. Ex.: 2Mc 3,2.5.7-9 (2º livro dos Macabeus, cap. 3, vv. 2, 5 e de 7 a 9);
- o *hífen* indica sequência de capítulos ou de versículos. Ex.: Jo 3-5; 2Tm 2,1-6; Mt 1,5-12,9 (Evangelho segundo João, capítulos de 3 a 5; 2ª carta a Timóteo, cap. 2, vv. de 1 a 6; Evangelho segundo Mateus, do cap. 1, v. 5 ao cap. 12, v. 9).

POR QUE NÃO SE LÊ A BÍBLIA?

De acordo com Humberto Eco, a Bíblia faz parte dos *GUB*, que significa: os *Great Unread Books*, os “grandes livros não lidos”. Obviamente que não é por acaso. A pergunta, porém, que deve ser colocada é: por que a Bíblia é tão pouco lida? Existem muitas razões. Uma delas – mas que sozinha não explica tudo – é que, por muito tempo, as autoridades eclesiásticas do mundo católico não encorajaram, certamente, a leitura da Bíblia, em particular depois da Reforma. A palavra de ordem da Reforma era, como se sabe, *sola Scriptura*, e a reação da hierarquia católica foi aquela bem conhecida. As coisas mudaram, acima de tudo, depois do concílio Vaticano II. Todavia, as evoluções são lentas e ainda existe muita estrada a ser percorrida antes que se possa falar de uma verdadeira “cultura bíblica” no mundo católico.

Qual é o problema? A meu ver, ele é duplo. Em primeiro lugar, a nossa leitura da Bíblia é, antes de tudo, uma leitura que denominarei “antológica”. O método é simples: de acordo com circunstâncias ou acontecimentos, o indivíduo ou grupo escolhe o trecho que melhor corresponde às necessidades do momento. Não lemos a Bíblia; só lemos “trechos escolhidos”. O problema é que o trecho escolhido já possui uma função preestabelecida. Ele deve, por força, responder à pergunta que o indivíduo fez ou que foi escolhida pelo grupo. Uma vez que a pergunta foi respondida, não se exige mais nada. Trata-se, então, de uma leitura funcional, que objetiva encontrar coisas *úteis* nos textos bíblicos. Seria oportuno completar a “leitura antológica” com uma “leitura contextual”. O princípio é simples. Quando se escolhe um texto, por qualquer motivo, é útil recolocá-lo no seu contexto. No início, deve-se ler tanto o que vem antes como o que vem depois, sobretudo quando o texto escolhido é muito breve e é

formado por um ou dois versículos. Em seguida, vale a pena se interessar pelo capítulo, depois pelo livro inteiro do qual deriva o texto. No final, podem ser lidas as notas e as introduções ao livro que se encontram nas grandes edições da Bíblia nas línguas modernas (*Bíblia de Jerusalém, Bíblia do Peregrino, Tradução Ecumênica da Bíblia, Bíblia Ave-Maria versão de estudo etc.*).

O segundo problema é mais sério. A Bíblia permanece difícil por causa da sua linguagem pouco acessível aos leitores contemporâneos. O problema não é somente da Bíblia. A mesma coisa pode ser dita da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero, da *Eneida* de Virgílio ou da *Metamorfose* de Ovídio. O mesmo se diz de uma obra mais recente como a *Divina Comédia* de Dante, que permanece difícil de ser lida sem as necessárias explicações e anotações. Por esse motivo, existem muitas publicações que possuem o objetivo de fornecer os instrumentos necessários para explicar “a via tortuosa” que conduz aos textos antigos. Os textos bíblicos, de qualquer modo, não são completamente herméticos. O perigo, contudo, é de se compreender só parcialmente os seus significados ou ainda de se escolher uma via errada. Existem, obviamente, leituras errôneas da Bíblia. Existem também leituras que podem ser aprofundadas e enriquecidas.

Qual é, então, o objetivo desta nova e breve introdução? Deseja unir duas finalidades. A primeira é a de fornecer um instrumento simples para uma leitura inicial da Bíblia. Quer, assim, responder às primeiras perguntas que faz um leitor com pouca habilidade com a Bíblia. A segunda é a de ajudar na leitura crítica da Bíblia. Quer dizer, manter a justa distância para evitar os problemas que surgem quando se toma um texto ao pé da letra.

Um exemplo esclarecerá, de imediato, que coisa eu pretendo dizer. Este é extraído do livro de Josué, livro particularmente difícil. Estamos no capítulo 6, e o povo de Israel, sob a guia de Josué, ataca a cidade de Jericó. A estratégia adotada pode surpreender. Os sacerdotes fazem, por sete vezes, a volta diante das muralhas da cidade, tocando a trombeta. No sétimo dia, os sacerdotes e o povo devem realizar sete voltas em torno da cidade. Eles estão para iniciar a sétima volta da

cidade, quando Josué se dirige ao povo com as seguintes instruções (Js 6,16-19):¹

¹⁶Na sétima vez, os sacerdotes soaram as trombetas e Josué disse ao povo: “Lançai o grito de guerra, pois o Senhor vos entregou a cidade!”¹⁷A cidade será consagrada como anátema ao Senhor, com tudo o que nela existe. Somente Raab, a prostituta, viverá, e todos aqueles que estiverem com ela na sua casa, porque ocultou os exploradores que enviamos.¹⁸Mas vós, guardai-vos do anátema, para que não tomeis alguma coisa do que é anátema, movidos pela cobiça, pois isso tornaria anátema o acampamento de Israel e traria sobre ele desgraça.¹⁹Toda prata e todo ouro, todos os objetos de bronze e de ferro serão consagrados ao Senhor; entrarão no tesouro do Senhor”.

As dificuldades do texto são numerosas; destaco somente as principais. Antes de tudo, não é fácil entender a estratégia adotada por Josué. As “trombetas de Jericó” são muito famosas, porém os manuais de estratégia militar não falam jamais de trombetas como um meio capaz de fazer ruir as muralhas fortificadas de uma cidade. Segunda dificuldade: a ordem de Josué. Trata-se de “consagrar ao extermínio” cada ser vivente na cidade de Jericó, com exceção de Raab e a sua família. Essa última, na linguagem moderna, seria uma “colaboradora”. No capítulo 2, ela acolhe os dois espíões enviados por Josué, os esconde e lhes permite que saiam sãos e salvos da cidade. O resto da cidade, como foi dito, será “consagrado ao extermínio”. O relato descreve com riqueza de particulares o que se pretende dizer (Js 6,20-21):

²⁰O povo lançou o grito de guerra e tocaram as trombetas. Quando o povo ouviu o som da trombeta, lançou um grande grito de guerra e a muralha ruiu por terra, e o povo subiu à cidade, cada qual no lugar à sua frente, e se apossaram da cidade.

²¹Então consagraram como anátema tudo que havia na cidade:

1 Salvo indicações contrárias, como nos casos em que a opção do autor exigiu qualquer modificação, as citações bíblicas são da *Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada*. São Paulo: Paulus, 2003.

homens e mulheres, crianças e velhos, assim como bois, ovelhas e jumentos, passando-os a fio da espada.

O leitor moderno encontra a coisa terrivelmente fria. Por um lado, ordena-se o massacre de uma população que tem uma única culpa, ter ocupado o território que o Deus de Israel prometeu ao seu povo e que Israel começa a conquistar. Por que massacrar também mulheres e crianças, incluindo os anciãos? Até mesmo todos os animais serão massacrados: bois, asnos e ovelhas. Algumas pessoas serão poupadas: aquelas que colaboraram com os vencedores. Como interpretar esse relato? Não se trata de um pragmatismo sem escrúpulos e, além disso, justificado teologicamente? Como conciliar um texto desse gênero com, por exemplo, o discurso da montanha e o amor por inimigos ensinado na pregação de Jesus Cristo?

As dificuldades, porém, não terminam por aqui. Os arqueólogos escavaram o antigo sítio de Jericó e buscaram indícios da conquista de Josué. Depois de muitas tentativas, chegaram à conclusão de que a cidade de Jericó, no período no qual se pode colocar a entrada de Israel na terra prometida, não era habitada. O relato bíblico, em outras palavras, não possui nenhum fundamento histórico. Para os arqueólogos, as muralhas de Jericó jamais ruíram, porque, naquele período, já não existiam.

Tentemos resolver as três dificuldades, uma depois da outra. Antes de tudo: por que usar as trombetas para abater as muralhas de Jericó? A primeira coisa a ser dita é algo bem óbvio. As trombetas fazem parte do arsenal de um exército, mesmo se o objetivo inicial não é o que está descrito em Js 6,6. Elas eram usadas, por exemplo, para posicionar no campo de batalha. Temos, em outras partes, alguns relatos antigos e representações de cercos, em particular em baixos-relevos assírios. Em nenhum documento antigo encontramos um equivalente das trombetas de Jericó. Os Assírios, por exemplo, utilizavam torres móveis que se aproximavam das muralhas e pelas quais guerreiros armados de arcos lançavam tochas ou flechas incandescentes contra os assediados. Outros atacavam as portas da cidade

com aríetes, protegidos com imensos escudos. Enfim, grupos de escavadores perfuravam galerias debaixo das muralhas para fazê-las ruir. Na Bíblia, existem os relatos de Jz 9,45-49 e 50-55; 2Sm 12,27-30; 2Rs 17,5-6; 18,9-10; 18,17-19,37; 24,10-15; 25,1-7. Os relatos são muito concisos e não mencionam estratégias particulares, com exceção de Jz 9,48-49, no qual uma cidadela é incendiada, e 2Sm 12,27, no qual Joab, o general de Davi, toma posse da “cidade das águas” de Rabba, capital dos Amonitas, e obriga os seus habitantes a escolher entre a rendição ou a morte por flechas.

Deve-se concluir que não temos em Js 6 uma verdadeira narrativa de batalha. Essa primeira conclusão é essencial para a compreensão do trecho. Não estamos no mundo “realístico”, porque não se trata da descrição de um evento realmente ocorrido, da forma como está descrito no relato bíblico.

Existem outros relatos que colocam em relevo o papel dos sacerdotes e das trombetas. Estas se encontram em alguns textos mais recentes: nos livros das Crônicas. Por exemplo, 2Cr 13,12-14; 20,28. Nesses dois casos, assistimos não exatamente a uma batalha, mas sim uma liturgia. O inimigo foi derrotado quando a procissão dos sacerdotes inicia a soar as trombetas. O relato de Js 6, assim como os sucessivos relatos das Crônicas, exaltam o papel dos sacerdotes e dos instrumentos litúrgicos. Em breves palavras, os textos mostram que Israel não deve procurar a sua salvação em um exército poderoso, que não possui, e tampouco em estratégias sofisticadas, que não conhece, mas acima de tudo no culto ao seu Deus. Pode-se dizer, sem medo de errar, que o texto de Js 6 deve ser muito recente, porque reflete a mentalidade de um período no qual o sacerdócio de Israel tornara-se uma instituição chave. Trata-se, certamente, do período pós-exílico, do período persa ou, talvez inclusive, do período helênico.

Uma vez colocado o texto no seu contexto litúrgico, fica mais simples entender as instruções de Josué no que diz respeito à conquista da cidade. Não estamos em um campo de batalha; então, as regras têm pouco a ver com as estratégias militares. Para confirmar

esta posição, eis as normas a serem aplicadas, no caso de um cerco, segundo a “lei da guerra” de Dt 20,10-15:

¹⁰Quando estiveres para combater uma cidade, primeiro propõe-lhe a paz. ¹¹Se ela aceitar a paz e abrir-te as portas, todo o povo que nela se encontra ficará sujeito ao trabalho forçado e te servirá. ¹²Todavia, se ela não aceitar a paz e declarar guerra contra ti, tu a sitiáras. ¹³O Senhor teu Deus a entregará em tua mão, e passarás todos os seus homens ao fio da espada. ¹⁴Quanto às mulheres, crianças, animais e tudo o que houver na cidade, todos os seus despojos, tu o tomarás como presa. E comerás o despojo dos inimigos que o Senhor teu Deus te entregou. ¹⁵Farás o mesmo com todas as cidades que estiverem muito distantes de ti, as cidades que não pertencem a estas nações.

As normas do Deuteronômio são mais plausíveis e compreensíveis. Por que, então, Josué exige o extermínio de toda a população de Jericó? Porque estamos no contexto de um mundo sagrado e litúrgico, em que vigoram as regras do absoluto: ou tudo ou nada. Trata-se da conquista da primeira cidade da terra prometida. A conquista se faz em nome do Deus de Israel, e tudo o que não lhe pertence deve ser destruído. É preciso desocupar o campo, para permitir que o Deus de Israel ocupe todo o espaço conquistado. Estamos em um mundo sem comprometermos.

A este ponto, não será difícil conciliar a interpretação apenas esboçada com os dados da arqueologia. O texto de Js 6 não é um relato histórico. É possível, sem dúvida, imaginar que este tenha nascido para explicar por que a cidade estava em ruínas e desabitada e, sobretudo, por que não existia nela algum traço da sua população.

Permanece, provavelmente, uma pergunta na mente do leitor. Qual é a “verdade” do relato, se o seu conteúdo não corresponde a um fato realmente acontecido? Retomemos os elementos anteriormente observados. O relato descreve a conquista da primeira cidade da terra prometida graças a uma liturgia celebrada com instrumentos musicais, as trombetas, tocadas pelos sacerdotes. A mensagem é bem clara: a conquista da terra, bem como a sua posse, não se deve às proezas

militares, mas à fé no Deus de Israel e no seu culto. Podemos também ler no trecho uma legitimação do sacerdócio de Israel, que exerceu um papel essencial nos inícios da história do povo na sua terra.

Enfim, retomemos, brevemente, o percurso feito a partir do ponto de vista metodológico. Os problemas colocados pelo texto foram resolvidos graças a três elementos principais. Primeiro, uma leitura crítica do trecho de Josué, baseada sobre uma comparação com outros textos bíblicos e com alguns documentos do Antigo Oriente Próximo, demonstra que a perícope não pode ser interpretada como um resumo de um fato histórico. Segundo, o mesmo confronto com outros textos bíblicos permitiu entender a intenção litúrgica do trecho. Terceiro, o contexto histórico e literário permite que o texto não seja interpretado no sentido literal. O massacre dos habitantes de Jericó é uma ação simbólica que diz alguma coisa sobre o culto do Deus de Israel, e não sobre o modo como se devem tratar os povos estrangeiros.

Resumindo, o sentido dos textos bíblicos não é sempre imediatamente acessível. Exige certa habilidade com a linguagem, com a cultura e com a mentalidade do mundo bíblico ou do Antigo Oriente Próximo. Isso não significa dizer que é impossível entendê-los. Significa somente que, sem uma adequada preparação e um necessário esforço de compreensão, muitos desses textos permanecem obscuros, ou que somente uma mínima parte do seu significado pode ser recuperada. Iniciamos, portanto, a nossa viagem através da Bíblia, partindo de algumas perguntas muito simples.